

FENOMENOLOGIA E RIGOR NA PESQUISA EDUCACIONAL: A EXPERIÊNCIA DA UFMS

Jucimara Rojas Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
Regina Baruki Fonseca Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
Rosana Sandri E. de. Souza. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Resumo

Neste artigo, apresentamos uma reflexão crítica sobre o rigor na pesquisa fenomenológica e o levantamento das pesquisas produzidas com essa metodologia no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O objetivo é propor questionamentos que fomentem diálogos e reflexões sobre o rigor do método fenomenológico na pesquisa educacional, demonstrando que os temas tratados se articulam como um desafio na ação educativa. Inicialmente, discutimos aspectos da abordagem fenomenológica, por meio da visão de alguns dos seus principais representantes. Em seguida, apresentamos a Fenomenologia na pesquisa educacional, por crermos que a pesquisa fenomenológica, ao partir da compreensão do nosso viver, e não de definições ou conceitos, desvenda o fenômeno além da aparência, na totalidade do mundo vivido. Finalmente, apresentamos as pesquisas produzidas em Fenomenologia no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, demonstrando a predominância de pesquisas com a temática relacionada à prática docente e à didática e enfatizamos a convergência dos procedimentos metodológicos utilizados nos trabalhos estudados.

Palavras chaves: Fenomenologia; Pesquisa Educacional.

Abstract

The paper presents a critical reflection on the scientific rigor in phenomenological research and a survey of the dissertations that adopted the methodology in the Federal University of Mato Grosso do Sul (UFMS). The paper aims to propose some points in order to foster discussions and dialogues on the rigor of the phenomenological method in educational research, by indicating that the themes studied present challenges for the educational action. We begin by discussing some aspects regarding the phenomenological approach, by means of the ideas of some of its main representatives. We then present the application of phenomenology as a research method in education. We believe that phenomenological research, based on the understanding of life, not on definitions or concepts, reveals the phenomenon beyond its appearance, in the totality of the lifeworld. The last step is a survey of the dissertations that used the phenomenological approach in the Post-graduate Program in Education at UFMS, with a predominance of themes related to the teachers' lived experience. We conclude by emphasizing the convergence of the methodological procedures in the dissertations.

Keywords: Phenomenology; Educational Research.

FENOMENOLOGIA: DEFINIÇÕES E TENDÊNCIAS

Independentemente de tendências específicas, pode-se lançar um olhar sobre as definições da Fenomenologia conforme alguns dos seus principais autores, como os selecionados abaixo, todos enfatizando a busca da essência do fenômeno que se mostra no discurso dos sujeitos da pesquisa.

Edmund Husserl (1975) buscou para a filosofia as bases e as condições de uma ciência rigorosa. Para esse pensador, a ciência caracteriza-se por centralizar-se na noção de unidade, pois se pode falar em ciência porque há uma unidade entre o ato de conhecer e o seu correlato, aquilo que é conhecido. O êxito

do método científico, que dá rigor ao raciocínio filosófico em relação às coisas mutáveis e variáveis que são as coisas do mundo, consiste em poder estabelecer uma verdade provisória, que se manterá como verdade até que se mostre, por meio de um fato novo, outra realidade.

Merleau-Ponty (1999) trata da Fenomenologia como o estudo das essências. Daí que todos os problemas resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência. A Fenomenologia é tida como uma filosofia transcendental que coloca em suspensão, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre ‘ali’. Merleau-Ponty afirma que encontramos em nós mesmos a unidade da Fenomenologia e seu verdadeiro sentido. Ele se deu conta do caráter inacabado da Fenomenologia – e via, nesse inacabamento, nunca o índice de um fracasso, de uma indefinição, mas o reconhecimento de sua fertilidade e da verdadeira tarefa que é revelar o mistério do mundo e o mistério da razão. Com essas ideias Merleau-Ponty retomou o caminho descortinado por Husserl.

Pelo caráter de inacabamento, há um movimento constante, uma dinamicidade na atitude fenomenológica. Assim se posicionam Rojas & Baruki-Fonseca (2009, p. 55):

A Fenomenologia sugere um movimento de ir e vir. Proporciona o entrelaçamento de ideias, pensamentos, estudos e conhecimentos que busquem constantemente o desvelamento daquilo que se apresenta da vivência, do real, do mundo vivido. A Fenomenologia propõe um constante recomeçar, induz uma problemática, está sempre em um estado de aspiração para se deixar praticar e reconhecer-se como estilo, como movimento.

Na pesquisa qualitativa em que a intencionalidade do pesquisador é conhecer o seu sujeito e desvelar suas ações tendo como ponto de partida os depoimentos, as respostas, as observações, o diálogo, deve-se salientar o enunciado como revelador de quem fala, que se mostra pela linguagem.

Para Ricoeur (1988), a Fenomenologia lida com a tentativa de convergência dos discursos humanos em sua totalidade. Consiste em dar um primado ao sentido e à promessa, sem omitir a estrutura e o rigor. Os estudos fenomenológicos vão além de uma simples filosofia do sujeito cognoscente, apelando-se a uma Fenomenologia da oferta do mundo que, por sua vez, se vê transbordada por uma ontologia do ser, no momento em que se dá a conhecer, se revela. Ricoeur (1988, p. 17) aprofunda-se na questão da hermenêutica, que define como “a teoria das operações da compreensão em sua relação com a interpretação dos textos”. Reorienta a hermenêutica para a noção do discurso como texto, a intermediação pela qual nos compreendemos a nós mesmos. Enfatiza a necessidade de colocar em suspensão o conhecimento das coisas do mundo exterior, a fim de concentrar-se exclusivamente na experiência em foco:

[...] assim como o mundo do texto só é real na medida em que é fictício, da mesma forma devemos dizer que a subjetividade do leitor só advém a ela mesma na medida em que é colocada em suspenso, irrealizada, potencializada, da mesma forma que o mundo manifestado pelo texto. [...] A consequência, para a hermenêutica, é importante: não podemos mais opor hermenêutica e crítica das ideologias. A crítica das ideologias é o atalho que a compreensão de si deve necessariamente tomar, caso esta deixe-se formar pela coisa do texto, e não pelos preconceitos do leitor (RICOEUR, 1988, p. 58-59).

A intencionalidade é o postulado básico da Fenomenologia: toda consciência é intencional, é consciência de alguma coisa, ou seja, visa a algo fora de si. Retoma-se a humanização da ciência, estabelecendo-se uma nova relação entre o sujeito e o objeto, o ser humano e o mundo, considerados

pelos fenomenólogos como polos que não podem ser separados. Não há pura consciência, separada do mundo, porque ela tende para o mundo. O pensar fenomenológico é uma volta às coisas mesmas, ou seja, aos fenômenos, aquilo que aparece à consciência como objeto intencional. Não há objeto em si – quem confere um sentido e um significado ao objeto é sempre e necessariamente o sujeito, com a sua intencionalidade.

Rojas (2006, p.4), vinculando o sentido de intencionalidade em Fenomenologia ao sentido de intencionalidade do educador, enfatiza que

[...] a intencionalidade, enquanto consciência ativa, faz o indivíduo interagir no mundo, com autonomia de pensamento: é a consciência de um querer intenso, objetivo e seguro. O educador, ao incorporar para si a intencionalidade, redobra de sentido o seu fazer e retorna de maneira significativa a intensidade da realização nas ações pedagógicas.

A FENOMENOLOGIA E A PESQUISA EDUCACIONAL

A partir do lançamento das bases para o pensamento fenomenológico por Husserl, a presença da Fenomenologia tem sido fértil para as investigações das Ciências Humanas. A tendência da época era ao reducionismo, ou seja, à redução da explicação do fenômeno a apenas um dos aspectos – psicológico, sociológico ou histórico, o que eliminava a possibilidade da visão do todo. A superação de uma visão reducionista resultava em outra postura também reducionista, da psicologia, da sociologia ou da história. A partir dessa crise do psicologismo, do sociologismo e do historicismo, Husserl empreendeu a tentativa de devolver a validade à ciência em geral e às ciências humanas. A corrente fenomenológica desempenhou, assim, a função de romper com a visão positivista.

A Fenomenologia é considerada uma introdução lógica às ciências humanas, uma vez que busca a definição eidética do sujeito antes de qualquer experimentação. É, também, uma retomada filosófica dos resultados da experimentação, já que procura apreender-lhe a significação fundamental, especialmente quando se realiza a análise crítica da ferramenta mental usada.

Sob a perspectiva da investigação, a Fenomenologia proporciona rigorosos procedimentos de pesquisa. A educação é considerada um fenômeno; por meio da análise desse fenômeno é possível detectar suas invariantes, suas características essenciais. É a partir dessa constatação que se constroem as interpretações, se esclarece o que está sendo investigado e se abrem os caminhos para intervir na política educacional e na prática pedagógica. A fim de compreender o fenômeno, é importante reviver e recriar as experiências que se vivenciaram. Para que o pesquisador possa atingir essa compreensão, a relação entre o mundo e os textos deve ser um constante movimento de ir e vir, para que se evite um único entendimento do contexto:

A fenomenologia nos educa para a contínua insatisfação com as conclusões alcançadas, a busca incessante da verdade, a preocupação quase excessiva com o rigor e a evidência, a fidelidade ao que no texto está dito. Sabendo de antemão que há sempre mais a revelar e a dizer, a compreensão se retoma a cada instante, sem jamais se dar por acabada. Não dá tréguas à superficialidade e banalização do saber, à falta de rigor, aos “pré-conceitos”, à acomodação e à preguiça mental, mas sem cair no dogmatismo (COELHO, 1999, p. 88).

Adotar uma atitude fenomenológica na ação didático-pedagógica implica um fazer marcado pela busca do sentido e pela atribuição de significados, na dimensão temporal e histórica do sujeito da aprendizagem, da escola, do professor, dos teóricos da educação, enfim, de todos os envolvidos no

processo educacional. Busca-se o sentido e o significado daquilo que se faz, daquilo que se escolhe fazer e como se decide fazê-lo.

A pesquisa fenomenológica, ao partir da compreensão do nosso viver, e não de definições ou conceitos, desvenda o fenômeno além da aparência, na totalidade do mundo vivido. Na pesquisa fenomenológica, evocamos a compreensão das experiências por meio da linguagem. O fazer fenomenológico implica cingir-se a regras formais direcionadas ao fenômeno, àquilo que se mostra. A atitude fenomenológica é uma atitude de abertura, de liberdade de nossos conceitos, valores e preconceitos. A abordagem revela-se

[...] apropriada à educação, pois ela não traz consigo a imposição de uma verdade teórica ou ideológica preestabelecida, mas trabalha no real vivido, buscando a compreensão daquilo que somos e que fazemos – cada um de nós e todos em conjunto. Buscando o sentido e o significado mundanos das teorias e das ideologias e das expressões culturais e históricas (BICUDO, 1999, p. 13).

Ao comentar sobre o olhar fenomenológico no processo educativo, Rojas considera a possibilidade de esclarecer os modos de comprometimento sujeito-mundo, ou os modos de o sujeito conviver com a realidade e, reciprocamente, as maneiras como a realidade se mostra ao sujeito. À Fenomenologia pode-se atribuir uma dimensão profundamente pedagógica, com características de constante aprendizado e construção da própria história:

A fenomenologia basicamente se guia pelos caminhos da experiência, e assim sugere uma tomada reflexiva da vivência, abrindo possibilidades de observar as coisas como elas se manifestam. Trazendo à consciência novos olhares, para permitir um redimensionamento dos fazeres. Ao tratarmos das práticas educativas, evidenciamos a necessidade de buscar um olhar intencional que possa nos desvelar formas diferenciadas no fazer pedagógico. Compreendendo que em todo processo somos sujeitos, e estamos em constante elo com o outro no movimento das mudanças e transformações dialeticamente intenso (ROJAS, 2006, p. 3).

A meta da abordagem fenomenológica é ir-à-coisa-mesma, a coisa do fenômeno pesquisado, que pode ser um momento, uma ocorrência, relações, um objeto de conhecimento, a própria prática. Para o pesquisador fenomenológico, o modo de abordar o fenômeno refere-se à sua descrição exhaustiva e às invariantes percebidas durante as descrições. A reflexão sobre as invariantes, com base na inteligibilidade do que possibilitam entender, é que conduz à essência do fenômeno investigado. Essa essência revela o que existe pela maneira como existe.

A descrição é aqui vista como “um procedimento para obter dados que deverão ser analisados e interpretados fenomenologicamente, visando à busca da essência e de sua transcendência, postas em termos textuais” (BICUDO, 2000, p. 75). Três momentos fundamentam uma investigação fenomenológica: o olhar atento para o mostrar-se do fenômeno, o descrever o fenômeno, o não se deixar levar pelas crenças pré-estabelecidas sobre a realidade do fenômeno.

A obtenção de dados na investigação fenomenológica trabalha sempre com o qualitativo; devem ser considerados o sujeito da pesquisa e o próprio investigador. O fenômeno manifesta-se sob diferentes perspectivas e o sujeito descreve o que lhe é percebido como modo de obtenção de dados. Segundo Bicudo (2000), a Fenomenologia trabalha com os dados fornecidos pela descrição e vai além, analisando-os e interpretando-os.

A descrição, como procedimento usado para obtenção de dados, também é utilizada por outros tipos de pesquisa qualitativa e não somente pela Fenomenologia. A diferença é que a tendência de investigadores não fenomenólogos, que trabalham com descrição, é usar da atitude natural e fazer uma comparação entre a descrição e a coisa descrita. Já para os investigadores fenomenológicos, a descrição “é um protocolo que se limita a descrever o visto, o sentido, a experiência como vivida pelo sujeito. Ela não admite julgamentos e avaliações. Apenas descreve. Para tanto, expõe-se por meio da linguagem” (BICUDO, 2000, p. 77).

No texto fenomenológico, a interrogação de onde parte o pesquisador é de suma importância, pois indicará o caminho a ser percorrido pela pesquisa, definindo procedimentos e sujeitos e apontando a direção da hermenêutica. Em Fenomenologia trabalha-se com todo o texto da descrição dos sujeitos. Esse texto é importante em sua totalidade, pois relata o percebido, no fundo onde a percepção se dá. As descrições podem ser lidas e relidas diversas vezes, até passarem a fazer sentido à luz da interrogação formulada pelo pesquisador.

Segundo Bicudo (2000), a leitura das descrições com um olhar atento, ou seja, sem perder de vista a intencionalidade do pesquisador, leva-nos às *Unidades de Significado* que, segundo a autora, são unidades da descrição que fazem sentido para o pesquisador a partir da interrogação formulada. Isso quer dizer que não se trabalha com categorias elencadas a partir de um quadro teórico elaborado *a priori* ou a partir de instrumentos de pesquisa externos a essa investigação.

Isso significa colocar em suspensão ou ‘colocar entre parênteses’ todo o conhecimento prévio do investigador e faz parte da redução fenomenológica (epoqué). Utiliza-se, nas unidades de significado, a linguagem do sujeito, por isso chamamos discurso ingênuo, porque não analisamos nem refletimos sobre o aspecto do tema investigado. Passa-se então para os momentos seguintes da redução: a análise ideográfica e nomotética.

Na análise ideográfica, encontram-se os mundos do investigador e do investigado. O investigador irá, nessa etapa, elucidar a fala do investigado, já considerando os recursos da hermenêutica fenomenológica, obtendo assim, um discurso articulado que corresponde às unidades de significado já postas de modo mais esclarecedor. No discurso articulado, o pesquisador transforma as unidades de significado em asserções, que correspondam o mais fidedignamente possível ao discurso do sujeito.

Chega-se, então, à análise nomotética que, continuando a redução, indica os grandes invariantes, ou categorias abertas. Para se chegar a essas categorias abertas, as asserções, que foram obtidas através das unidades de significado, são convertidas em temas e estabelecem as convergências. Machado (1994, p. 42) explica:

O pesquisador busca determinar quais aspectos das estruturas individuais manifestam uma verdade geral, podendo ser tomadas como afirmações verdadeiras [...] As convergências passam a caracterizar a estrutura geral do fenômeno. As divergências indicam percepções individuais resultantes de modos pessoais de reagir mediante agentes externos.

Sendo assim, as asserções apresentam os aspectos mais importantes, mais significativos, do fenômeno estudado. As convergências demonstram os aspectos que embasam a estrutura geral e as divergências apresentam as reações individuais ao fenômeno. As categorias abertas, então, representam os resultados de toda a ação do investigador na prática da redução fenomenológica, constituindo-se em subsídios para a análise.

A partir de então, inicia-se o principal momento da pesquisa fenomenológica: a hermenêutica. As categorias abertas serão interpretadas, efetuando-se um movimento de reflexão transcendental. Tal interpretação permite ao investigador explicitar a essência do fenômeno investigado e procura estabelecer resposta para a indagação realizada na pesquisa. Moreira (2002, p. 101) fala sobre a interpretação na Fenomenologia hermenêutica:

[...] a Fenomenologia Hermenêutica almeja um pouco além: descobrir sentidos que não são imediatamente manifestos ao nosso intuir, analisar e descrever, devendo-se ir além do que é simples e diretamente dado. O que é dado é apenas uma pista para o que não é dado, ou não é explicitamente dado. Para que seja realmente fenomenologia, a Fenomenologia Hermenêutica não deve se cingir à inferência construtiva, mas a um desvelar de sentidos ocultos.

A hermenêutica possibilita o verdadeiro desvelamento da essência do fenômeno, analisando, interpretando, partindo do pressuposto do sentido, da significação, do mundo-vida dos sujeitos pesquisados e o seu campo perceptual.

A pesquisa com enfoque fenomenológico propõe uma reflexão exaustiva. Masini (1989) lembra-nos que tal enfoque de pesquisa caracteriza-se por etapas de compreensão e interpretação do fenômeno que se abre a novas interpretações. Isso diz respeito ao inacabamento da Fenomenologia, que propõe um recomeçar incessante de um enfoque que não aceita cristalizações em sistemas acabados e fechados. Nessa ação, o pesquisador mostra sua maneira de estar no mundo, interrogando-o. “O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; sou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.14).

RIGOR NA PESQUISA EM FENOMENOLOGIA: A EXPERIÊNCIA DA UFMS

Masini (1989) diz que o método fenomenológico trata de desentranhar o fenômeno e que na pesquisa fenomenológica o conhecimento se dá através do círculo hermenêutico: Compreensão- interpretação-nova compreensão. O método fenomenológico não se limita a uma descrição passiva. É uma tarefa de interpretação (tarefa da hermenêutica).

Em 21 anos de existência do Curso de Mestrado (e posteriormente Programa de Pós Graduação em Educação - PPGEduc) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, foram produzidas 26 dissertações o método fenomenológico de pesquisa. Essas produções são expostas no quadro que se segue:

Orientador	Linha de Pesquisa	Defesa	Autor
Luiz Carlos Pais	(antes de 2003) Educação em Ciências, Matemática e Tecnologias Educacionais	26/5/2003	Edinei Gonçalves Lemes
		26/5/2003	Gilse Terezinha Lazzari Perosa
		17/6/2003	Alessandra Christiani Cardoso Dos Santos
		24/3/2008	Katia Sebastiana Carvalho dos Santos Faria
		17/6/2003	Maria Massae Sakate
	(atualmente) Ensino de Ciências e Matemática	11/11/2002	Justo Rafael Fernandez Urbieta
Marilena Bittar		6/6/2002	Claunice Maria Dorneles
Ângela Maria Zanon	(antes de 2003) Educação em Ciências, Matemática e Tecnologias Educacionais	13/9/2002	Wilson Carlos Fernandes Carnicer
		1/12/1996	João Mianutti
		1/4/1999	Wanda Faleiros
		25/11/2005	Magda Maciel de Oliveira

	(após 2003) Ensino de Ciências e Matemática	22/2/2006	Selênia Silvia Witter de Melo
	(atualmente) não faz parte do Programa	6/7/2004	Vera de Mattos Machado
Jucimara Rojas	(antes de 2003) Educação, Indivíduo e Sociedade	12/8/2002	Vera Gema Milani Carbonari
		15/8/2005	Luci Carlos de Andrade
		24/8/2005	Milene Bartolomei Silva
		14/9/2005	Regina Cheli Prati
	(atualmente) Educação, Psicologia e Prática Docente	10/11/2005	Patrícia Alves Carvalho
		6/6/2008	Marceli D'Andrea Santos
		25/8/2009	Rosana Sandri E. de Souza
		12/04/2010	Heddy Patrick Garcia
Antônio Carlos do Nascimento Osório	(antes de 2003) Educação, Indivíduo e Sociedade	20/12/1999	Auredil Fonseca dos Santos
		23/11/2001	Carolina Monteiro Santee
		30/8/2004	Denise Jovê Cesar Ghiselli
Alda Maria do Nascimento Osório	(atualmente) Educação e Trabalho	21/3/2002	Rosana Lúcia Pincela Vasconcelos
Hermas Gonçalves Arana	UNICAMP (atualmente) não faz parte do Programa	1/12/1991	Luis Landes da Silva Pereira

Quadro 01: Produção fenomenológica no PPGEdu/UFMS (orientadores, autores e data de defesa).

Como podemos observar no quadro 01, a pesquisa fenomenológica na UFMS se intensificou nos últimos nove anos, com a produção de 22 das 26 dissertações defendidas até o momento. Essas produções estão concentradas principalmente na Linha de Pesquisa Ensino de Ciências e Matemática (anteriormente denominada Educação em Ciências, Matemática e Tecnologias Educacionais) e na Linha de Pesquisa Educação, Psicologia e Prática Docente, sendo significativa a produção da Linha Educação e Trabalho.

Os temas estudados nas 26 dissertações estão expostos no quadro abaixo, com os títulos transcritos conforme dados do sítio do programa, disponível na internet:

Autor	Título
Edinei Gonçalves Lemes	A internet e a realidade virtual como recursos auxiliares à educação à distância.
Gilse Terezinha Lazzari Perosa	Salto para o futuro: um olhar para a educação à distância, aprendizagem e interatividade.
Alessandra Christiani Cardoso Dos Santos	Recursos Didáticos e Representações da Geometria Espacial da 4ª Série do Ensino Fundamental de uma Escola em Campo Grande-MS.
Katia Sebastiana Carvalho dos Santos Faria	A representação do espaço nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Maria Massae Sakate	Concepções de professores sobre possibilidades didáticas no ensino da geometria decorrentes do uso da informática.
Justo Rafael Fernandez Urbieto	Concepções de professores quanto à mediação de recursos digitais na aprendizagem em nível do ensino fundamental.
Wilson Carlos Fernandes Carnicer	Uma leitura fenomenológica das aulas de regência no Estágio Supervisionado de Ciências e Biologia.
João Mianutti	A Educação em Ciências nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental: Uma Análise Fenomenológica.
Wanda Faleiros	Concepção da Ciência: Visão de professores de 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental.
Magda Maciel de Oliveira	Consciência pedagógica, tecnologia e interatividade, informação e conhecimento: concepções de professores.
Selênia Silvia Witter de Melo	TV Escola: práticas, pesquisa e reflexões.
Vera de Mattos Machado	Análise do estudo coletivo na formação continuada dos professores de ciências, de 5ª a 8ª série, do Ensino Fundamental: da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS.
Claunice Maria Dorneles	A Contribuição das Novas Tecnologias no Processo de Ensino e Aprendizagem do Deficiente Visual.
Vera Gema Milani Carbonari	As Histórias de Vida do Ser Professor no Fazer Docente.
Luci Carlos de Andrade	O desenho como expressão no aprendizado infantil: caminhos e possibilidades.
Milene Bartolomei Silva	Concepção de currículo na voz do educador de infância: a vez da criança.
Regina Cheli Prati	O fazer do psicólogo escolar: uma escuta em educação.
Patrícia Alves Carvalho	Re-tocando a aprendizagem na educação de infância: a música como linguagem.
Marceli D'Andrea Santos	A linguagem lúdica no registro avaliativo do educador de infância.
Rosana Sandri E. de Souza	Interdisciplinaridade na educação de infância: a roda olímpica do movimento, expressão, corpo e ludicidade.
Auredil Fonseca dos Santos	O Significado do aprender e do ensinar a linguagem escrita nos primeiros anos escolares.
Carolina Monteiro Santee	O sentido de aprender e ensinar LEM – Inglês na rede municipal de ensino.
Denise Jovê Cesar Ghiselli	A prática pedagógica do professor de educação física na educação infantil.
Rosana Lúcia Pincela Vasconcelos	Os Professores e os diferentes sentidos da arte na educação.
Luis Landes da Silva Pereira	A imprensa como elo entre o Estado, a sociedade e a educação no Estado de Mato Grosso do Sul.

Quadro 02: Produção fenomenológica no PPGEdU/UFMS (autores e título do trabalho).

O quadro acima demonstra a predominância de pesquisas com a temática relacionada à prática docente e à didática. Outro tema bastante presente nos estudos fenomenológicos da UFMS são as tecnologias educacionais. Os demais objetos de estudo identificados são o processo ensino-aprendizagem, currículo e linguagens, entre outros.

Apesar de a abordagem fenomenológica utilizada pelos diversos professores orientadores nos trabalhos divergirem em alguns aspectos, os procedimentos metodológicos denominados análise ideográfica e nomotética firmaram-se como o ponto de convergência. Esses procedimentos, característicos do método fenomenológico, estão presentes em todas as dissertações citadas, tendo o

mesmo formato de organização, a mesma sistemática de análise e o mesmo objetivo: a análise do depoimento do sujeito de pesquisa para a determinação das categorias abertas.

CONCLUSÃO

Considerando que a Fenomenologia trata da busca e do desvelamento do fenômeno, do Ser, das coisas, pensamos que a intencionalidade é abertura à atitude perceptiva, procura iluminação e desocultamento do fenômeno, pelo desvelamento do homem, no revelar de olhares compreensivos, estratégias e caminhos. Trata-se de entrever valores, crenças, símbolos, saberes e fazeres, destituindo-se da atitude natural, em busca da essência, do Ser, das coisas, do próprio 'eu' e do mundo.

Acreditamos que a educação do futuro deve estar, então, centrada na condição humana. O Ser humano é uma totalidade, é Ser no mundo, Ser de comunicação e compreensão. Por meio da linguagem, da cognição e da cultura, compreendemos e conhecemos esse mundo vivido e/ou mundo vida, cultura expressa na linguagem compreensiva do homem em relação a esse mundo, ao outro e a si mesmo.

A tarefa da Fenomenologia é revelar esse mundo vivido antes de ser significado, mundo em que estamos e vivemos em coexistência com os demais. Um mundo que é o solo de nossos encontros com o outro, onde se descortina nossa história, nossas ações, nosso engajamento, nossas decisões, nossos momentos construtivos.

Ao refletirmos sobre a questão do rigor na pesquisa qualitativa, tomamos os pressupostos fenomenológicos, que apontam a necessidade de irmos às-coisas-mesmas. Isto significa que, na qualidade de pesquisadores, temos à frente o caminho da busca, da investigação, da reflexão constante. Significa que o campo de inquérito é infinito, incluindo todas as possibilidades de fenômenos, quando estes se doam às experiências. Quando estes se nos apresentam, temos o dever de dirigir nosso olhar inquietante, perceptivo para desdobrá-los, para encontrar efeitos de sentido, de Ser, de pensar. Tendo como base esses 'achados', podemos reconstruir ações didáticas, recriar momentos no aprender, reacender novos desafios na estimulação do querer.

No terreno fecundo da Fenomenologia, as pesquisas orientadas na UFMS buscam aprofundar a compreensão dos sentidos e significados presentes nas ações educativas e então desvendar novos meios de construções do saber, para renovar e inovar os dispositivos pedagógicos na condição de Ser do educador.

Essas realizações incluem as dissertações já concluídas no campo fenomenológico, que se evidenciam como caminhos para a organização da prática educativa, trazendo elementos inovadores no 'fazer' em consonância com o mundo atual, consolidando, assim, uma profissionalidade pautada pelas exigências contemporâneas. O intuito é explorar novos sentidos para o processo do aprender/ensinar e, dessa maneira, entrever momentos, valores, atitudes, teorias que podem ser redimensionados para a elevação do Ser, tornando o mundo mais humanizado, com olhares que possam transcender ao real, ao vivido. Olhares que abarquem as partes e o todo, em sintonia com o mundo, nas descobertas acerca de si mesmo e das reações com o outro.

O pensar fenomenológico interage, transcende, transporta, mostra, desvela e recobre o mundo para outra dimensão. No contexto da pesquisa em educação, traz a iluminação do todo e das partes em suas linguagens, o sentido de Ser e das coisas que se abrem à nossa frente, se deixam ver, se mostram...

BIBLIOGRAFIA:

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A contribuição da fenomenologia à educação. In: BICUDO, M. A. V.; CAPPELLETTI, I. F. (Org.) **Fenomenologia**; uma visão abrangente da educação. São Paulo: Olho d'Água, 1999, p. 11-51.

_____. **Fenomenologia**: confrontos e avanços. São Paulo: Cortez, 2000.

COÊLHO, Ildeu Moreira. Fenomenologia e educação. In: BICUDO, M. A. V.; CAPPELLETTI, I. F. (Org.) **Fenomenologia**; uma visão abrangente da educação. São Paulo: Olho d'Água, 1999, p. 53-103.

HUSSERL, E. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

MACHADO, O. V. M. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In: Bicudo, M. A. V, & ESPOSITO, V. H. C. (Org.). **Pesquisa qualitativa em Educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Unimep, 1994.

MASINI, Elcie F. Salzano. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Fenomenologia da percepção**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O Método Fenomenológico na Pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

RICOEUR, P. **Interpretação e ideologias**. Organização, tradução e apresentação de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.

ROJAS, J. Efeitos de sentido e fenomenologia nas práticas educativas: linguagem, cognição e cultura. In: III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS – V ENCONTRO DE FENOMENOLOGIA E ANÁLISE DO EXISTIR, 2006, São Bernardo do Campo. **Anais**. São Bernardo do Campo: Editora SE&PQ - Co-editora UESP, v. 1, 2006, p. 1-10.

ROJAS, J.; BARUKI-FONSECA, R. A fenomenologia na prática educativa: uma leitura da arte no desenho infantil como linguagem. In RIGOTTI, P. R. (org.) **UNIARTE**: textos escolhidos. Dourados, MS: UNIGRAN, 2009. p. 55-73.

Jucimara Rojas. jjrojas@terra.com.br

Regina Baruki-Fonseca. rbaruki@yahoo.com

Rosana Sandri E. de Souza. rosanasandri@pop.com.br